

SOCORRO ACIOLI

# A cabeça do santo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Socorro Acioli

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Elisa von Randow

*Imagem de capa*

Márcio Vasconcelos

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Jane Pessoa

Valquíria Della Pozza

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Acioli, Socorro

A cabeça do santo / Socorro Acioli. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2369-8

1. Ficção brasileira I. Título.

13-12436

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## PRIMEIRA PARTE

# Caminho

Ele não tinha mais sapatos e seus pés, àquela altura, já eram outra coisa: um par de bichos disformes. Dois animais dentados e imundos. Duas bestas, presas aos tornozelos, incansáveis, avante, um depois do outro, avante, conduzindo Samuel por dezesseis longos e dolorosos dias sob o sol.

Nos primeiros dias o sangue e a água que minavam das bolhas arreventadas nos seus pés chiavam em contato com o asfalto em brasa, inclemente. De tão secos, fizeram silêncio. Surgiu uma pele nova, quase um couro de cobra, esturricado, admirável engenho da natureza para os que não podem contar com nenhum lapso de piedade do inimigo. As pernas, gêmeos paradoxos: quanto mais magras, mais fortes. Os músculos cresceram, até nas canelas sujas que sustentavam as coxas de pouca carne. Ele, sujo como um desenterrado, andando sempre em linha reta.

Dezesseis dias. Por vezes olhava para baixo e temia que o ventre colasse de vez nas costelas, como na história do homem caído que a mãe, Mariinha, contava. Dizia que foi num dia de muito calor, pior que o sopro quente de sempre, quando ela ou-

viu alguém bater palmas diante de sua porta. Foi abrir, levando a alegria discreta que sempre doava aos vizinhos ou aos compradores de chapéu. O sorriso acabou-se no espanto, porque ali estava um homem esticado no chão, tão faminto que a pele da barriga colara nas costelas. O desmaiado era bonito e foi isso que o salvou. As mulheres da vizinhança não demoraram a ferver um mingau de milho, cozinhar uma galinha gorda, um quilo de arroz refogado com alho e sal, uma panela grande de farofa com carne-seca e coentro, nove copos de leite com canela e oito ovos cozidos. Não faltaram voluntárias para trazer os pratos, dar comida na boca, fazer a barba, limpar o rosto com pano perfumado de colônia. Foram dois dias de comilança para que a barriga do desinfeliz descolasse das costelas, fazendo um estalido seco e alto que se ouviu por todo o Horto. Voltou dos mortos tão cheio de desejo que não demorou para que pedisse a mão de uma das moças em casamento. Era Estelita, a que lhe trouxe mingau de milho.

Samuel também tinha o ventre quase colado nas costas e oxalá ainda fosse possível desgrudar quando chegasse a hora. Alguém ajudaria? Alguém daria comida a um desenterrado? Pensava na galinha cozida, nas bananas, nas mãos da mãe enchendo o seu prato de louça branco leitoso, com as bordas quebradas e a pinturinha de flores descascada. Das mãos da mãe ele tentava não lembrar. Era uma dor sem nome.

Sapatos, as pernas da calça, mangas da camisa, o parco dinheiro: tudo ficou pelo caminho. (Existe quem compre mangas de camisa, isso é espantoso.) Seu torso mal protegido tinha duas cores. Os braços queimados de sol não serviam para nada além de sustentar as mãos. Das coisas que um corpo exige, ele não tinha quase nenhuma, o corpo pede e pune, na mesma medida. A mala que levava quando deixou a casa ficou pelo caminho logo no quinto dia. Ou isso, ou a fome. Trocou por um prato de

carne cozida e baião de dois. A dona de uma pensão aceitou, de má vontade, só porque precisava de uma mala para guardar as toalhas das mesas.

Restavam apenas os seus vinte e oito anos e o endereço de poucas palavras no bolso esquerdo. Às vezes o pequeno pedaço de papel pegava fogo e torrava a única pista do seu destino. Samuel enfiava a mão no bolso com desespero: era o pior do elenco de pesadelos daquela jornada. Ele queria chegar lá, no lugar indicado por oito palavras e um número. Chegar lá era a única coisa que tinha na vida.

Os cabelos escuros e lisos cresciam rápido e já escorriam de forma irritante sobre a testa, atrapalhando a vista. Tinha olhos pequenos, sobranceiras fartas e juntas acima do nariz, boca carnuda e traços de índio, herdados da mãe, Mariinha.

Samuel era um corpo magro e faminto, quase uma sombra, que não parava de andar. Quase dez horas de caminhada por dia. Pouca água, comida rara, sono em cotas breves. Tudo ficou pelo caminho: juventude, alegria, pedaços de pele, mililitros de suor, quilos do corpo, e os parcos e velhos fios de esperança de que houvesse alguma coisa invisível que ajudasse os homens sobre a Terra. As esperanças nunca foram suas, eram de Mariinha, ele as usava por empréstimo em casos raros. Naquele momento, Samuel não tinha fé nenhuma nas coisas do espírito. Do outro lado da estrada, em direção contrária, caminhavam exemplares do seu extremo oposto.

# Candeia

Oito pessoas feitas de fé: três homens, duas mulheres, três crianças. Todos usando a túnica marrom de pano grosso exatamente igual à que são Francisco usava — eles tinham o direito de acreditar nisso. Surrão amarrado na cintura, algumas provisões. Poucas: eram sacos murchos no fim da jornada, pois dali já se enxergava a imagem de são Francisco de Canindé, marrom, gigantesco, de mãos espalmadas.

Andavam devagar. O homem mais jovem de joelhos, os outros ao redor, por perto. As crianças menores iam nos braços, a maior ia a pé e aceitava a penitência, talvez sem saber que ainda não devia nada a santo algum. Balbuciavam o tempo todo, não deixavam de rezar, o santo estava ouvindo. Caminhavam para que os visse, olhasse para o seu sacrifício e fosse benevolente com os pedidos que carregavam.

Não demorou para que percebessem o rapaz seminu e solitário do outro lado da estrada. Uma das mulheres se apressou a tirar do saco de pano uma garrafa de água, um trapo, um vidro com álcool, um pedaço de pão seco. Estavam ali para ajudar

como são Francisco ajudou. Junto com o outro homem, o seu marido, correu para cuidar do suposto jovem romeiro. Quanto mais perto, mais doía o seu estado de miséria.

— Não vai te faltar caridade, irmão, são Francisco está te vendo! — disse a mulher, com fé e prontidão.

Samuel tomou a garrafa, bebeu a água com desespero, deixando cair pelos cantos da boca, pescoço, pelo peito.

— São Francisco vai te dar força, irmão! Você vai anoitecer nas bênçãos dele — disse o homem, sorrindo.

— Não sou romeiro, não, senhor — disse o hálito podre de Samuel, com algum deboche. — Só queria saber se Candeia ainda tá longe, mas se tiverem mais comida, também fico agradecido.

A mulher foi tomada de fúria. Não era romeiro, era um moleque malandro qualquer, um ladrão, estuprador, assassino, salafório... Coisa boa não poderia ser. Um rapaz de bem não anda imundo pela estrada nem responde daquela maneira à caridade de quem tenta diminuir seu flagelo. Era uma mulher que partia, em segundos, de um extremo a outro da sua escala particular de análise do caráter alheio. Jogou o pão seco no chão e atravessou a pista de volta para os seus. O romeiro que ia com ela ainda ficou, sabia um pouco mais da vida e sobre a paciência com as fraquezas humanas. Já vira muita gente de bem enlouquecer na Estrada das Chagas, isso sempre foi comum. Naqueles anos de romaria vira de tudo no caminho e teve piedade, porque às vezes nem Deus livra o homem de enlouquecer. O demônio é artista. Poucos escapam dos enganos do Satanás.

Apontou a estátua de são Francisco e mostrou para Samuel o quanto já estava perto de chegar aos pés do santo.

— Ao menos pintaram a roupa desse desinfeliz — debochou. — O padre Cícero parece alma do outro mundo, todo branco. Candeia fica desse lado da pista, depois de Canindé. Vá com Deus, irmão.



Samuel não respondeu nada. O romeiro sorriu, muito levemente. Seu olhar dizia alguma coisa, talvez uma ou duas palavras de fé e força.

Samuel sentia-se muito mais forte depois de beber água e encontrar o homem, que ainda o observava do outro lado da pista. Acelerou o passo e constatou que estava mesmo perto de Candeia, agora sabia. Para isso o homem serviu, ele pensou. Já avistava algumas casas ao longe, à direita. Olhou o papel no bolso: “Niceia Rocha Vale, Manoel Vale, rua da Matriz, 52”.

# Café

Candeia era quase nada. Não mais que vinte casas mortas, uma igreja velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado, outras, invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes.

O único sinal de vida vinha de um bar aberto. Duas mesas de madeira na frente, um caminhão, um homem e uma mulher na boleia ouvindo música, entre abraços, beijos e carícias ousadas. Mais desolado e triste que Juazeiro do Norte aquele povoado, muito mais. Em Juazeiro tinha gente, a cidade era viva. E no meio daquele povo todo sempre se encontrava uma alma boa como a de sua mãe, uma moça bonita, um amigo animado. Candeia era morta. Pior ainda naquela hora, quando até o sol iniciava o seu funeral de todos os dias.

Samuel ao menos ficou um pouco feliz por ouvir a música do caminhoneiro. Quase sorriu. O esboço de alegria durou até aparecer pela porta mal pintada de azul uma mulher assombro-

sa, praguejando com uma vassoura na mão e mandando desligar aquela música maldita. O caminhoneiro a chamou pelo nome:

— Cadê o café, Helenice? Deixa de praguejar, coisa-ruim!

Pela mesma porta saiu uma moça, bem jovem, com uma garrafa térmica vermelha e duas canecas. Foi e voltou com rapidez, agora trazendo dois pratos, quatro pães pequenos, duas bananas cozidas e um pote de margarina.

— Cinco reais — ordenou Helenice, com a mão na garrafa térmica. — Só come se pagar.

O homem pagou, sempre rindo da cara de Helenice, visivelmente bêbado, sempre tentando morder a mulher da boleia, malvestida, desgraçada, seminua, feia, bonita, feliz, e quase não era possível que isso tudo coubesse na mesma pessoa.

Samuel invejou o caminhoneiro. Não tinha tanto dinheiro para comer naquele fim de tarde, fim de vida. Lembrou-se de Mariinha, que gostava de tapioca com café. Essas lembranças de Mariinha eram assim, chegavam o tempo todo, sem palavras, eram fotos da memória, cenas apressadas. Às vezes, com cheiro. Sempre o cheiro da mãe.

Helenice entrou com a vassoura e a moça foi para a lateral da casa. Ele foi atrás, sem imaginar o quanto a sua presença era mais assustadora na penumbra.

— A senhora tem um pão, pelo amor de Deus?

Ele não se reconhecia naquele homem que pedia pão mentando o nome de Deus na frase, mas aprendeu no Horto que a única forma de comover naquele pedaço perdido de mundo era a ameaça de que Deus estava vendo tudo e não tolerava descaridades.

Sua voz foi um susto para a moça, quando viu o miserável. Primeiro porque havia tempos não chegava ninguém ali além de um ou outro caminhoneiro. Segundo porque ele era estranho, instigante. Parecia jovem, parecia bonito. Sentiu medo e pena,

ao mesmo tempo. Lembrou-se do saco de pão velho que tinha mesmo que jogar fora. Disse um “espera aí” apressado e voltou logo, jogando o saco para ele.

A fome não o impediu de notar o quanto aquela moça era jeitosa, de corpo bem-feito e uns olhos de mel de jandaíra. Samuel atacou o pão com força, roeu com desespero e engasgou-se com o farelo seco. Sua cara arroxou rápido, asfíxiado, tinha disso desde pequeno, não era cena bonita de se ver. A moça pegou uma garrafa suja de qualquer coisa e encheu com água da torneira, entregando ao sufocado, que bebeu com afobação e desentalou a garganta. Ela teve pena, de novo. Talvez tivesse mesmo a sua idade. Melhor se fosse velho, bem velho, assim seria inofensivo e ela poderia ajudá-lo mais. Talvez até a mãe tivesse pena também. A moça pensou uma coisa egoísta: ele sofria mais que ela. Que bom ver alguém que sofre mais. Que bom. Aquela desgraça de destino, seja lá como tenha acontecido, tornava a sua sina um pouco mais leve. Ela sempre achou que nunca encontraria alguém que sofresse mais que ela. Encontrou, por segundos.

Helenice chegou enfurecida e enxotou o homem com a vassoura, como bicho. Ela, mais bicho que ele. Pediu à menina que tomasse a garrafa da mão do vagabundo, que ainda se recuperava da falta de ar do engasgo. A moça desobedeceu. Saiu correndo pra dentro da bodega, enquanto Helenice afugentava o homem aos gritos, empunhando a vassoura como se fosse uma espada. A Samuel, só restou sair dali correndo.

Estava em Candeia, enfim, onde ninguém o conhecia, onde mal chegou e já foi expulso a vassouradas, onde só conseguiu um saco de pão seco com água suja, onde era difícil acreditar que alguém vivesse, de onde o sol se despedia.

Dois ou três meninos barrigudos, quase nus, corriam pelas ruas daquele sábado à tarde. A poeira, os gatos magros, tudo sofrendo de falta de vida.

Sentou-se numa calçada qualquer para comer mais um pouco dos farelos secos, agora com mais cuidado. Tomou água, aos poucos, até que viu uma torneira no muro da casa ao lado de onde estava sentado. Bebeu o que quis, poderia encher novamente a garrafa, até lavar o rosto antes de procurar o endereço. Ele estava ali para procurar uma casa, encontrar uma mulher, perguntar por um homem, resolver uma dívida antiga e depois ir embora. Deveria ser rápido. Era mais fúria do que plano. Achava que saberia o que fazer quando chegasse a hora.

Aproveitou a torneira, molhou as mãos, a cara, cabelo, tentou tirar a lama preta cimentada sob suas unhas grandes e duras. Olhou-se no espelho de uma moto velha parada logo ali e viu como estava horrendo. Não era assim que gostaria de chegar àquela casa, falar com Niceia, não era a forma mais agradável de se mostrar. Também não foi assim que imaginou a própria vida e lá estava ele, transfigurado em filho do diabo, naquela cidade onde ninguém o conhecia, à procura.

Foi no caminho de Juazeiro a Candeia que o diabo apareceu pela primeira vez como seu pai. Antes era pai nenhum. Não permitia que a mãe falasse nele, portanto ele não existia. Foi uma noite qualquer, dormindo no meio do mato perto dos Inhamuns. Sonhou que Mariinha, vestida de noiva, sorria para alguém e caminhava para um homem e esse homem era um monstro, era o diabo. Parecia com ele, de alguma forma, sendo monstruoso ao mesmo tempo. Era a única imagem que Samuel guardava do pai: o retrato da besta-fera.

Lembrou-se disso enquanto sentia a água, agora escassa, cair da torneira, sem forças, um fio. Até a água parecia morrer.

A dona da casa — e da torneira — apareceu na calçada, andando com passos lentos. Vinha de braço dado com um homem decrépito, de olhar fixo como se não pudesse mais mover os olhos para nenhuma outra parte. A vida estava ali com ele na consis-

tência de fumaça no fim da fogueira. Na calçada, duas cadeiras foram confortavelmente forradas com almofadas desbotadas de tecido florido. Primeiro, ela acomodou o velho, falava com ele, sorrindo, mostrava isso e aquilo, como se ignorasse a debilidade. Chamou um gato amarelo pelo nome, Jerimum, que atendeu e pulou no colo do homem. Talvez fosse um hábito antigo, gatos são dados ao método e à rotina, mas o velho não deu conta da sua presença. Foram amigos um dia? Seria o gato, também, um velho vivente perto da morte?

Samuel assistia a tudo parado, do meio da rua, até ser notado pela velha, já acomodada em sua cadeira. Sua figura horrenda não foi suficiente para assustá-la e tamanha bondade correspondia exatamente à descrição que Mariinha fizera de sua avó Niceia, uma mulher de bom coração. De mãos dadas com o apoplético, sorriu e desejou bom dia ao desconhecido. Sem saber o que dizer exatamente — o sorriso o deixara mais confuso que a vassourada —, Samuel tirou do bolso o endereço e perguntou se ela era Niceia. Ele queria que fosse, mas não, seu nome era Rosa. Depois perguntou onde ficava a rua da Matriz.

— É essa, que passa aqui ao lado da matriz.

Estavam ao lado da rua. Ela, sempre sorrindo.

— E a casa de Niceia Rocha Vale?

O velho resmungou alguma coisa, um barulho angustiante, gutural, quase desesperado.

— Ele quer água — ela traduziu para o forasteiro.

Ainda de mãos dadas, ficou de pé e chamou por alguém pelo muro. Ninguém veio. Ela entrou em casa para buscar água, ajudou o velho a beber, acalmou o homem, ajudou-o a levantar separando bem as pernas, puxando com força o corpo peso-pena, e os dois entraram, ela deixando um rápido aceno de despedida e evitando olhar para ele ou responder à pergunta. Samuel teve certeza de que o velho tentou responder.